

“Todo o pensamento começa por um poema”, ensinava Alain no seu diálogo com Valery.

Neste tempo, sem tempo, de permanente corrida contra ele e não com ele, o tema da liberdade, por ser intemporal deve e tem que acompanhar as vidas de cada pessoa, não se vá ela perder ou disfarçar, assumindo formas perversas e enganadoras. Por isso é também fundamental o conceito de *pensamento crítico* associado à Liberdade bem como à Equidade e Fraternidade, pilares maiores da nossa civilização. O conceito de *pensamento crítico* ainda hoje difícil de organizar e desenvolver nas sociedades humanas, traz-me à memória a figura de uma mulher que nasceu no ano 350, num tempo, como o de hoje, em muitos lugares do mundo, em que eram sonogados à mulher o direitos mais fundamentais, incluindo a sua capacidade de pensar. Falo de Hepatia de Alexandria, que disse, na sua sabedoria de mulher sem direitos, mas inteligente, consciente e lutadora, “reserva o teu direito de pensar. Mesmo pensando errado, é melhor pensar do que não pensar”. Esta mulher ao exortar ao exercício do pensamento e à prática da reflexão, aponta caminhos que levam ao questionamento, à interrogação, à procura de respostas para o desconhecido, à tomada de decisões e à respetiva responsabilização, à partilha do pensamento com os outros e também à desobediência...Hepatia tinha, contudo, consciência de que estas vias só se conseguem em pleno se houver liberdade, o que ela só conseguiu por breves períodos, em poder manifestar e expandir os seus talentos, acabando, no entanto, por ser assassinada, devido à sua ousadia. É essa tomada de consciência que tem levado milhares de seres humanos a lutar e morrer, ao longo dos tempos, para conquistar a liberdade e mantê-la bem próxima de si, pois a História demonstra que não é um bem adquirido para sempre. Em qualquer momento se pode perder por tempo indeterminado...

Aliada ao pensamento e à reflexão, também a comunicação é essencial para realizar o ser humano enquanto pessoa e permitir a criação de vínculos de uns para com os outros. Por isso, num grupo ou numa comunidade, é fundamental, que se desenvolva desde cedo o hábito de pensar, refletir e comunicar o que leva a que se possa usar, da melhor forma, a demonstração e a argumentação para se defenderem e preservarem os princípios e valores que lhes são caros, como os que movem a realização deste Fórum. O apelo à análise, em várias vertentes, do tema *Liberdade e pensamento crítico* vai no sentido de que se se compreender e estimular a capacidade de reflexão e argumentação, dá-se um passo muito importante para que cada cidadão e cada cidadã se constitua membro ativo da sua comunidade e para que o conceito de cidadania alcance o seu verdadeiro significado e a sua expressão mais profunda.

Como pode então a poesia inserir-se nesta elaboração de pensamento, nesta reflexão, nesta procura, nesta luta, em suma, na defesa da liberdade?

Atahualpa Yupanki, de entre as muitas das suas canções, chamadas de protesto, cantou uma que começa assim: “yo tengo tantos hermanos/que no los puedo contar/y una hermana muy hermosa/que se lhama libertad”. E esta luta pela defesa desta irmã mais formosa perpassou por toda a sua obra e a sua vida, levando esta mensagem aos quatro cantos do mundo. Como ele muitos outros também, ao longo dos tempos e em diversas línguas o fizeram, como o inesquecível Zeca Afonso. No entanto, não é apenas nos cantos que são armas que a palavra poética se pode manifestar refletindo o desejo ou a perda de Liberdade. Nos poemas mais líricos, as palavras tomam asas e revelam os mais profundos sentimentos ou emoções como

enunciação de liberdade que pode ser não apenas física mas ir ao âmago mais profundo da humanidade de cada sujeito- aqui ouve-se, por exemplo, Florbela “Meu doido coração aonde vais,/No teu imenso anseio de liberdade?”- construindo o seu caminho na senda da verdade, reafirmando o que Heraclito defendia ao dizer que “a poesia e a verdade são sinónimos”, e eu atrevo-me a acrescentar mais um sinónimo à verdade, que é a liberdade.

Muitos poetas de todo o mundo elegeram a liberdade como mote de alguns dos seus escritos, quer pela falta dela, quer pela necessidade de a preservar, nomearam-na, como Paul Eluard, e também como muitos poetas nossos. A poesia lança as sementes à terra que é lavrada pela mão e alma dos poetas e, uma dessas sementes, é aquela irmã mais formosa que se chama liberdade. Ao longo do tempo homens e mulheres têm usado as palavras para além da sua função comunicativa transformando-as em poemas, canções, teatro, filosofia, permitindo à *Liberdade* um terreno fértil para florir.

George Steiner tem um livro a que deu o título “A poesia do pensamento”. Nada podia ser mais verdadeiro, nem mais significativo. Esta noção eleva a poesia aos mais altos patamares da cultura humana. Poesia e pensamento caminham lado a lado em todos os atos da vida, pelo que quando identificamos em Cervantes o retrato do herói que é o género humano, representado por D.Quixote e Sancho Pança, vê-se a humanidade na sua busca incessante, do sonho, da liberdade e da Utopia. Sartre afirma que a filosofia se exprime através de uma linguagem literária. Há como que uma conjugação individual do filosófico e do poético, numa parábola de espelhos. Renée Char punha a poesia acima da Filosofia, o que é reforçado por Althusser que afirma que o pensamento filosófico só pode realizar-se metaforicamente, ou seja, pela poesia. Uma ideia explica-se. Uma emoção manifesta-se numa palavra expressiva, numa imagem pois “há poesia em tudo”, como dizia Pessoa. A poesia é assombro, admiração, liberdade, que se faz com as mãos como escreveu Alegre e cantou Adriano. Coleridge afirma que “a prosa é as palavras dispostas na melhor ordem, enquanto a poesia é as melhores palavras dispostas na melhor ordem”. Daqui partir para a ligação da poesia à música parece obvio, ou seja, a poesia aproxima-se extremamente da fusão do conteúdo e da forma que há na música. Ambas partilham “ certas categorias seminais do ritmo, do fraseado, da cadência, da sonoridade, da entoação e medida”. A canção aparece de uma partilha em que as palavras gostam de si mesmas e transportam dentro delas uma musicalidade e pulsação naturais. A música, por sua vez, desperta as palavras que estão adormecidas nela.”São como um cristal/as palavras”, diz Eugénio. São “matérias-primas partilhadas”, como diria George Steiner. Um verso é emoção e nasce diretamente da voz. Ele preserva no seu interior a dinâmica da fala, da vocalização, por isso essa parentalidade com a música mas também com o teatro, a representação, a colocação da vida no palco, sendo o palco a própria vida-toda ela sonho como escreveu Calderon de la Barca.

Sendo a criação poética uma atividade intelectual de grande intensidade, a poesia tem uma universalidade que transporta necessariamente a liberdade com ela e assim dá voz ao futuro e á esperança, e mostra-nos a esperança como tempo futuro. É também uma espécie de aventura do espírito que pode rasgar janelas e destruir muros de ignomínia. Mas também é abismo e solidão e, segundo Echevarria, a solidão é sempre fundamento de liberdade. E mencionando apenas alguns poetas, homens e mulheres, que escreveram sobre a Liberdade, lembro Ricardo Reis, no ano da sua morte que confidencia “ serei livre, sem dita nem desdita/ como o vento que é vida”; e Sophia “ aqui livre sou eu/como eco da lua”, e Torga clamando

“quero a liberdade/trago-a dentro de mim/como um destino”, e Antero num grito “aspiro unicamente à liberdade”, e Ana Hatherley, numa certeza “Canto-te para que tu definitivamente existas”, enquanto que Luiza Neto Jorge revela “o meu sono é leve para a liberdade (...)/acordas-me só de pensares nela”, Jorge de Sena, exprime num desejo intenso “não hei-de morrer sem saber qual a cor da liberdade”.

E termino com Steiner que resume o que se pretendeu dizer: “a poesia é como um happening coletivo que clama liberdade. E algures um cantor rebelde, um filósofo que a solidão embriaga, dirá :Não! Uma sílaba carregada de promessa de criação.”

Lisboa, 3 de Julho de 2018

Guadalupe Magalhães Portelinha